

Sobre uma suposta identificação dos topónimos gal.-por *Groba*, *Grova*, etc. com o etnónimo pré-romano *Grovii*

JOSEPH M. PIEL

Sobre uma suposta identificação dos topónimos gal.-port. Groba, Grova, etc., com o etnónimo pré-romano Grovii

Num extenso e substancioso estudo, publicado recentemente¹, o nosso colega e amigo Torquato de Sousa Soares volta a insistir numa tese, já perflhada em trabalho anterior², de que um grupo importante de nomes de lugar do noroeste galego-português, caracterizados pelo tema *grob-/grov-*, se entroncaria no nome do povo indígena dos GROVII, mencionado por Pomónio Mela, Plínio e Ptolomeu³. Na opinião do erudito professor, a difusão característica da toponímia em causa⁴ prestar-se-ia a conclusões históricas de ordem geral quer dizer relativas ao papel que esta tribo celta teria desempenhado no âmbito da Gallaecia. O objectivo da presente achega consiste em demonstrar a falibilidade deste modo de ver, o qual, na minha convicção, se firma em premissas linguísticas indefensáveis.

Tendo-me referido há tempos acidentalmente ao nome comum regional galego-português *groba*, o qual sem dúvida possível está subjacente aos nomes de lugar homófonos⁵, encarei —com pouca convicção, aliás— a possibilidade de este regionalismo galego-minhoto se relacionar com o lat. INGLUVIES, hipótese etimológica que merece a T. Soares o comentário: "...embora não seja insólita, não se nos afigura viável. Mais do que *cova*, *grova* significa

¹ *Contribuição para o estudo das origens do povo português*. Sá da Bandeira, 1970.

² *Reflexões sobre a origem e formação de Portugal*, Rev. Port. de Hist. VII (1957), pp. 193 e sgs.

³ Ver as págs. 19-24, e 225-232, respectivamente, dos referidos estudos.

⁴ Esta área consta de um mapa inserto a pág. 24 (252, resp.), que aperfeiçoa outro, rudimentarmente esboçado por Leite de Vasconcelos, no *Arqueólogo Português*, X (1905), a seguir a pág. 292.

⁵ Na *Miscelânea de etimologia portuguesa e galega*, Coimbra (1953), pp. 128 e seg., artigo subordinado aos regionalismos galegos *engrobria*, *engrova*; *grouvia*, *grova*, dados a conhecer por Aníbal Otero Alvarez. O termo comum *groba*, na acepção de 'hoyo, cueva', figura na maior parte dos dicionários galegos. Nos CuEG II, p. 622, Luís Montegudo identifica-o acertadamente com os topónimos homófonos, aludindo a barrancos que seriam possivelmente devidos à mão do homem. A popularidade da expressão ressalta igualmente de uma conjura popular, que figura na obra de Víctor Lis Quibén, *La medicina popular en Galicia* (1949), p. 59, e que reza: "S'eres d'Aranha / vaite a paranha. S'eres de Sapo / vaite arrastro. S'eres de Cobra / vaite a *groba*", etc.

sulco, designando mesmo no concelho de Póvoa de Lanhoso, o rasgo aberto pelo arado, ao lavrar a terra”⁶.

Cabe frisar sem rodeios que, com efeito, a etimologia então considerada não resiste a uma crítica apertada. Não é, porém, o argumento semântico, invocado por T. Soares, que a infirma, pois é de ver que a noção de ‘cova’ não é de modo algum inconciliável com a de ‘sulco’, mas a impossibilidade de subordinar razoavelmente, no ponto de vista da fonologia histórica, *groba* a um protótipo INGLUVIES⁷.

Feita esta emenda, parece-nos evidente que tudo aconselha que desliguemos os elementos toponímicos, abaixo consignados, do referido etnónimo da Antiguidade. Na realidade, a etimologia de *groba/grova* vem a ser uma das mais transparentes que se possa imaginar, pois estas formas condizem perfeitamente, no ponto de vista fonético como significativo, com uma voz goda *groba*, identidade que, de resto, não escapou à perspicácia de Fr. Martín Sarmiento, o qual, já lá vão mais de dois séculos, insere o gal. *gròva* no número dos “nombres góticos”, considerando-o, sem outro comentário, como sendo designativo de “sitios en las quebradas de los montes”⁸.

A voz gótica *grōba*, bem enraizada na tradição lexical germânica⁹, ocorre duas vezes, num contexto idêntico, na versão ulfilana dos Evangelhos¹⁰ de S. Mateus (8.20) e S. Lucas (9.58), traduzindo o gr. φωλεός ‘cova, caverna’ do original respectivo¹¹. Na tradução portuguesa do P^e. António de Figueiredo lê-se: “As raposas têm covas, e as aves do ceu ninhos...”, onde a Vulgata diz FOVEAS, usando do termo que, numa variante neutra * FOVEUM¹², pervive no port. *fojo*, gal. *foxo*, profusamente representado na toponímia^{12a}, como sucede com *groba*.

No seu breve, mas denso estudo acima referido, Leite de Vasconcelos aludiu a mais de trinta lugares do norte de Portugal e da Galiza, cujos nomes se prendem com a família lexical de *groba/grova*, apresentando, entre outras, as formas seguintes: *Groba, Grobas, Grova, Grovas, Groiva, Grove, Grove-*

⁶ Cf. *Reflexões...*, p. 232 (nota 131).

⁷ Veja-se p. ex. a evolução de UNG(U)LA para *unha*, ANG(U)LU para *anho* (cf. *Riaño* < RIVI ANGULU). É verdade que a evolução semântica de ‘papo’ para ‘fojo’ teria um paralelo na metáfora topográfica *garganta*.

⁸ Na sua preciosa obra *Colección de voces y frases gallegas* (redigida entre 1746 e 1770), tornada acessível na modelar edição de J. L. Pensado, Salamanca, 1970, pág. 410, onde o sábio precursor da lexicologia moderna encara *groba* como sendo uma espécie de sinónimo de *braña*.

⁹ Ver, entre outros dicionários, Kluge, *Etymologisches Wörterbuch der deutschen Sprache*, 20.^a ed. (1967), art. *Grube*.

¹⁰ Lembremos que Úlfila (†382/383), chefe espiritual dos chamados *Gothi minores*, estabelecidos na Méria, destinou esta excepcional obra ao seu povo, recém-convertido ao cristianismo de observação ariana.

¹¹ Αἱ ἀλώπεκες φωλεοὺς ἔχουσι: *fauhons grobos aigun, jah fuglos himinis sitlans, iþ sunus mans ni habaiþ þvar haubiþ sein anahnaiwjai* (cf. W. Streitberg, ed., *Die Gotische Bibel*, 5.^a ed. revista, Heidelberg, 1965, pp. 13 e 135 (versículos 20 e 58, respectivamente).

¹² Parece que FOVĚA foi interpretado como plural dum neutro, o que teria dado origem a um singular analógico.

^{12a} Lembrarei apenas o penetrante estudo de A. Moralejo sobre o composto “*fogium lupale*” y sus actuales derivados gallegos, CuEG 21 (1952), p. 133-7.

las¹³. Foi nesta substância linguística que T. Soares se fundou essencialmente para retomar e desenvolver a tese do inolvidável Mestre, de que se trataria de testemunhos da presença e actuação dos GROVII entre Douro e Cantábrico.

Acontece, porém, que T. S. não tomou em suficiente conta o ter Leite de Vasconcelos reconsiderado, numa reimpressão do seu estudo, os principais aspectos da sua teoria, ressaltando apenas, e não sem reserva, os dois tipos *Gróvia* (Gróbia, Gróbea) e *Groiva*¹⁴. No que toca aos restantes topónimos, não deixa de reconhecer, independentemente de Martín Sarmiento, que é o gót. *groba* 'cova, furna' que os explica, o qual "perfeitamente convém à fonética e ao sentido". Verdade seja que também Soares não deixou de ficar impressionado com o número desproporcionado de reminiscências actuais de um substrato etnonímico como GROVII, lançando mão, para resolver este dilema, de uma explicação, que revela o seu embaraço, e que facilmente parecerá um tanto especiosa¹⁵.

Quanto a *Grovia/Groiva*, quer parecer-me que se trata de meras variantes de *Grova*, em que interveio um elemento sufixal átono *-ia*¹⁶, cujo *-i-* foi susceptível à atracção pelo *-o-* tónico, resultando daí um ditongo *-oi/-ou-* no tema. Observa-se o mesmo fenómeno nas parelhas lexicais galegas *grova/grouvia* e *engrova/engròbia*, a que me referi na nota etimológica já citada¹⁷.

Assim, depois de um exame crítico exaustivo, não fica nada, ou quase nada, que possa ser interpretado como designativo de assentamentos dos antigos Gróvios; com duas excepções apenas, embora também duvidosas, que

¹³ Nesta série entraria ainda o gal. *Grubenla*, sítio do mun. de Salvatierra de Miño, que apresenta uma variante fonética típica do sufixo *-ella/-elha*, ou seja o lat. *-ICULA*.

¹⁴ Nos *Opúsculos*, vol. V, 1 (Etnologia), 1938, p. 91, onde se lê: "De modo que dos nomes mencionados no artigo [primitivo] os que se me afiguram agora aceitáveis são apenas *Gróvia* (*Grobía*, *Grobea*) e *Groiva*", continuando: "Em todo o caso reconheço que a pesar da paridade geográfica que estabeleci entre GROVII e *Gróvia-Gróbia-Grovea-Groiva*, existe tal semelhança fonética entre estas formas e *Grove*, *Grova*, *Grovos*, etc., que alguém poderá ser levado a identificá-las todas. E se implacável crítica filológica, que voltei contra mim próprio, me obrigou a mutilar o primitivo artigo, talvez observações posteriores me façam, por igual dever científico, suprimir a restante parte galeco-portuguesa, para só deixar em pé a parte pré-romana!". É precisamente esta última conclusão que se impõe em face dos elementos que analiso mais abaixo.

¹⁵ "É certo que o número considerável de *grovas*, indicadas no mapa junto, pode levar-nos a crer uma penetração e extensão considerável desse povo. Não obstante, essas *grovas* podem limitar-se a assinalar lugares onde se recolhia o estanho, talvez sob a fiscalização de "grovios" (por isso assim chamados) que habitariam em entreportos costeiros, nomeadamente entre o rio Minho e a ria de Vigo, onde, segundo creio, os localiza Plínio (IV, 112)". (*Contribuição...*, p. 24, nota 58). Confesso ser-me impossível acompanhar T. Soares num raciocínio tão difícil.

¹⁶ Citemos a este propósito a observação de Leite de Vasconcelos a pág. 289, nota 1: "Consta-me que em vez de *Grove* (Valença) se diz também *Gróvia*". Este elemento espúrio *-ia* é característico da linguagem popular.

¹⁷ Os seus matices significativos não admitem dúvidas quanto à sua dependência de *groba*; cf. *grova* 'cárcava' (Villaquinte), *sangrova* (id.), *engrova/angrova* 'paso hondo y estrecho' (Barcia), *engròbia* 'estrecho, especie de garganta entre dos colinas, montecillos ó prominencias' (dicion. de Valladares); *grouvia* 'agujero pequeno en la tierra, como el hecho por los topos' (Mercurín), segundo Aníbal Otero, *Hipótesis etimológicas referentes al gallego-portugués*, CuEG XVIII (1951), p. 94, que subordina estas formas sen qualquer justificação possível, ao lema lat. *cova*.

convém pôr em relêvo. A primeira refere-se ao topónimo *Gróvos*, que, segundo Leite de V., corresponderia a uma povoação no concelho de Amares, e que, a ser autêntica essa forma em *-os*, não haveria nenhum inconveniente em fazer corresponder ao acusativo latino *GROVIOS*, pois seria comparável, p. ex., a *Nendos*, nome de um território galego chamado antigamente (a. 842) *Nemitos*¹⁸, e que, na minha convicção, remonta ao nome celta do povo cuja sede era NEMETOBRIGA¹⁹. É verdade que o referido autor não encara esta hipótese, que naturalmente se apresentava, preferindo ver em *Gróvos* uma forma masculinizada de *grova(s)*, comparável a *fojo*, formado sobre *foja*. Infelizmente, não descubro qualquer outra referência a este *Gróvos* nos repertórios toponímicos correntes²⁰, não valendo pois a pena continuar a discutir o assunto sem ter a certeza da autenticidade desta forma, de existência tão problemática. Para mais, também *Gróvos* seria cabalmente explicável à luz da morfologia goda, pois é precisamente o acusativo do plural, *grobos*, que figura nos dois passos transcritos da Bíblia vulfilana (cf. nota 11), e do qual se inferiu o singular *groba*, quer dizer o normal nos substantivos femininos com tema em *-ô-* (paradigma nom. *giba*, gen. *gibôs*).

O segundo chamadoiro, que pede uma explicação, é o terminado em *-e*: *Grobe* (prov. de Lugo e Pontevedra) e *Grove* (conc. de Valença e prov. de Pontevedra). Foneticamente, o nominativo latino *GROVĪ* justificaria perfeitamente aquela desinência, mas esta hipótese é terminantemente desmentida pelo facto de etnónimos pré-romanos sobreviverem normalmente com base no acusativo, como no apontado exemplo de *Nendos*, ou no ablativo-locativo, segundo se vê pelo gal. *Trives* = ant. *Tibres*, que ascende a *TÍBURIS*, do etnónimo *TÍBURI*²¹. Nesta perspectiva, também *Grove/Grobe* se furta à possibilidade de ser relacionado com os *GROVII*, a não ser que o façamos indirectamente através do antropónimo (cognome) *GROVIUS*, que consta de uma ara votiva²². Custa, porém, admitir que este cognome tenha podido sobreviver, e em nada menos de quatro casos, como nome medieval e com a característica *-i* do genitivo possessivo, pois parece que foram muito poucos os nomes pessoais do substrato pré-latino, constantes da rica onomástica epigráfica ga-

¹⁸ Cf. Emilio Sáez, *Doc. gallegos inéditos del período asturiano*, in AHDE XVIII (1947), p. 418, nota 14.

¹⁹ Ver a *Miscelânea de toponímia peninsular*, in RPF IV (1951) pp. 205/7.

²⁰ Não figura nem no *Dicionário Postal* de Baptista Lopes, nem no grande *Dicionário corográfico de Américo Costa*, em 12 vols., nem no *Reportório toponímico de Portugal*, do Serviço cartográfico do Exército. O próprio Leite de Vasconcelos conhece a forma *Grovos* apenas através de uma referência num artigo de Alfano Bellino, publicado postumamente no AP XIV (1909), onde, a pág. 6, o autor alude a um "lugar de Grovos, em Caires, que lhe fica próximo". Ocorrendo no concelho de Amares, ao qual a freguesia de Caires pertence, duas terras chamadas *Grova*, é natural que *Grovos* não passe de um equívoco ou de uma gralha.

²¹ Sobre *Puebla de Trives* ver a *Miscelânea* citada na nota 18, pág. 206/7. A forma *Tibres* figura no chamado "Parochiale" suevo. No que toca ao gal. *Ons*, pede também antes um protótipo *AUNI(I)S do que AUNIOS, quer dizer a forma consagrada pelos autores das Antiguidade.

²² Encontrada em Vila de Mou, conc. de Viana do Castelo; cf. L. de Vasconcelos, *Opúsculos V*, p. 12, onde se alude também a uma forma epigráfica feminina *Grovia*.

laica, que resistiram no período românico à latinização e germanização do léxico antroponímico²³.

Não volto a insistir no muito debatido, mas virtualmente resolvido problema de *O Grove*, topónimo galego de que há muito se sabe que nada tem que ver com os *Gróvios*, como antigamente se supunha²⁴, pois as formas medievais *Ocobre* (a. 899 e 911), *Ogobre* (912), etc., pedem infalivelmente um tema *oc-/og-*, além de apresentar um segundo elemento indígena dos mais característicos: *-obre*, com função própria, embora ainda mal esclarecida²⁵.

Resta ainda saber quais as razões que levaram as populações romanizadas da Gallaecia a adoptar, em época visigoda, a voz germânica *groba*, pois entre os visigotismos galego-portugueses conhecidos não vislumbro nenhum que aluda a um acidente topográfico particular²⁶, como acontece com o termo em causa. Quando um idioma vai buscar uma palavra suplementar a outro idioma, não podemos deixar de esquadriñar o porquê desta atitude. Poderia pensar-se que, além do sentido de 'sítio fundo, estreito', que se manifesta nos termos regionais, a que fizemos referência, *groba* possuísse ainda outro, ou seja 'cova' = 'sepultura'. Tratar-se-ia de um termo alusivo a uma forma particular de sepultura, trazido, como *sala* = *saa/sá* e *casta*, por uma população hispano-goda, fixada no séc. VII, e em condições que tentei explicar noutro estudo²⁷, em terras galaicas. Mais vale uma hipótese frágil do que nenhuma. Cabe agora à arqueologia confirmar ou infirmar esta sugestão²⁸.

²³ Inclino-me a explicar as formas em *-e* como resultantes de uma debilitação do *-a* final, fenómeno esporádico próprio de outros topónimos galegos e portugueses, como em *Cidadelhe* = *Cidadelha*.

²⁴ Como p. ex. ainda A. Schulten, *Iberische Landeskunde* I, (1955), p. 279, depois de L. de Vasconcelos, *Opúsculos* V, 1, pág. 90, ter demonstrado, com referência a Martínez Salazar, a impossibilidade desta etimologia.

²⁵ De *-obre* tratou Menéndez Pidal, *CuEG* II (1946), estudo reimpresso na colectânea *Toponimia prerromana hispana*, 1952, pp. 181-188. A. Moralejo Laso aprofunda o assunto, com novos elementos, nos *Estudios Menéndez Pidal*, III (1952), pp. 135-157.

²⁶ Esta terminologia é normalmente de origem românica, ou pré-latina, abstraindo de um ou outro arabismo; cf. o meu estudo *Nomes de lugar referentes ao relevo e ao aspecto geral do solo*, RPF I (1947), pp. 153-197.

²⁷ *Betrachtungen zu hisp.-got. "sala"...*, in *Studia Iberica* (Festschrift f. Hans Flasche), 1973, pp. 459-65.

²⁸ Também a significação de 'fosso de defesa' mereceria, teoricamente, de ser encarada.